

Detrás da palavra: Um caderno da viagem

Margarida Maceira Figueira

O universo poético de Corral Iglesias abre-se-nos de novo para o percorrermos da mão de um eu lírico que se sabe conhecedor da sua geografia. Caminhamos com a tranquilidade de quem é acompanhado por um guia, ainda que, nesse trajeto, não podamos evitar as chuvas e o corisco do Inverno, já anunciados e pré-falados.

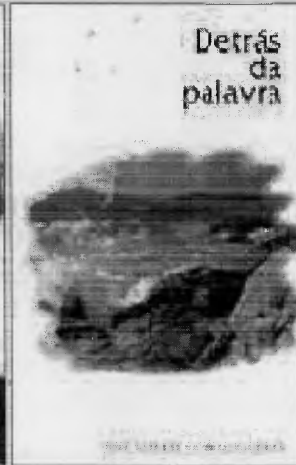
Este é o “caderno da viagem” pelos espaços e os tempos vividos desse ser humano com quem vamos ter logo a partir das primeiras páginas. Deixemo-nos levar por quem possui o roteiro, esse que unicamente marca os rumos para as próprias vivências. Aproximamo-nos, deste jeito, numa primeira jornada, de uma **parte existencialista** que nos mostra o próprio acto da criação literária, a convulsão que supõe encarar o indivíduo consigo mesmo na viagem às trevas das recordações: “Nesta noite de insónia / vou na

minha procura / pelas hospedagens de inverno / em descampados de asfalto...” Sobre o mundo dos espectros e das sombras das origens deitará luz o poeta com a sua palavra: “...e corre cara mim a noite da memória / com palavras embaçadas de distância”.



Autor e capa da obra *Detrás da palavra*, José Alberto Corral Iglesias, Ed. ACIAL, 2004.

Nesta primeira etapa o autor usa, de um modo muito acertado, uma série de termos que funcionam como recorrências léxicas, que adquirem um valor simbólico ao longo de toda a obra¹. Estas ajudam a criar uma atmosfera propiciatória para a apreensão do



processo da escrita a que assistimos como testemunhas. As formas às quais nos estamos a referir poderíamos organizá-las em dois campos semânticos: O da “**obscuridade**”, em que a palavra chave seria “**silêncio**”. A esta iriam associadas outras como *escuro, fuscão, segredo, noite, espectro, sombra, abismos...* Encontramos duas composições feitas de diferentes pontos de vista e que servem para amolar a identificação entre o homem vencido e o silêncio em que se agacha. Vejamos: “*ali no fundo da rua / a luz de uma taverna mostra / o abeiro preciso / corro... de súbito / um vulto é o home vencido*” e “*A saraiva e o corisco cospem / o seu assanho na janela / os carros prendem os seus faróis, / e alguém / batija nos idóios / corre entra / é o Silêncio*”. O da “**luz**”, que viria representado pela forma “**palavra**”. Acompanhariam-na vocábulos como *sol, dia, vida, murmúrio, canção, canto, voz, berro...* O próprio título já aparece

ungido com uma destas marcas e *Detrás da palavra* simboliza, já desde o começo, por um lado, o momento anterior à existência do próprio pensamento, enquanto este não se tornou logos²; por outro, a experiência vital previa à palavra que se converte em poema (“*Vivo coutado na palavra dos cadáveres / mas tornavoltarei pelos espelhos do corisco*”) ³; e ainda por um outro, a aparição da palavra e da criação literária que convertem numa realidade concreta e manifesta a existência humana: “*A vida chegou-me / a talhos de machado / palavra acochada / trás a canseira / da velha malha.*”

Aquele que põe em relação ambos os mundos que lhe são próprios é o poeta, que rompe o silêncio com a palavra do seu canto. Antes disso, veremos-lo sofrer uma evolução ao longo desta parte. Declara-nos, inicialmente: “*como pássaro prendido / na friagem vou-me indo.*” A seguir:

(Continua na página seguinte)

(Vem da página anterior)

"como pedides o meu canto / se o sol resseca os ossos / dos meus mortos / e... o silêncio dos pássaros / implosiona / nos buracos da antimatéria". Finalmente, afirmará: "mas hei de morrer / com canto efêmero / esfurando / como a toupeira."

Ao avançarmos neste caminho, numa segunda etapa desta viagem, entramos na **parte cívica ou social** do poemário, em que o indivíduo não é só ele se não também tudo aquilo e aqueles que o rodeiam, o que fará que expresse o seu compromisso com os mais desfavorecidos: "acochados nos amuletos da avareza / dançam o Banco Mundial com os seus amantes / para que nós, os sem deus, morramos." Neste percurso por diversos espaços e tempos de uma história pessoal concreta, o poeta leva-nos da esperança na utopia e a luta por atingi-la, passando pela derrota e a perda dos companheiros na mesma, até o momento da revolta contra a própria desilusão e amargura. Eis o instante em que os jogos simbólicos

das recorrências léxicas voltam a ser protagonistas; e som-nos precisamente porque a sua plasmação na escrita concebera-se como uma declaração de intenções que conecte passado, presente e futuro. Dirá-nos assim o poeta: "Eu que venho de todas as mortes, / dos caminhos onde o sol esmorece, / quisera lembrar com fachos incendiários / **palavras** de dignidade..."; acrescentará também: "Regressemos para cavalgar vendavais / é preciso necessário / e as flores vermelhas serão **luz** nos cornides"; finalmente, sentenciará: "sem báguas... dos entulhos da derrota / esbulhamos o **silêncio** da sua mortalha" ⁴.

Vamos concluindo esta viagem, deixamos atrás as chuvas da invernia e chegamos à estação da Primavera e à parte amorosa da obra. Esta mostra-nos a calma que sobrevém depois da tempestade: "Tu que sabes das frias cantos de inverno / das chuvas que chimpam o vinho e o pão da mesa / és o arrol de berce / que calma a minha sede cheia de desertos..." Vemos

como o caminho iniciado chega ao seu destino e o viajante, sem despojar-se das vivências acumuladas, une o final do percurso ao ponto de partida: "a tua palavra, meu amor, / é a que preciso, / o tempo ido / é o que procuro." Assistimos ao momento do remate do canto do "pássaro"- poeta e o processo criativo cega assim ao seu fim: "guardo que a porta se abra e com os teus olhos cheios de luz / ...chames por mim / para eu abandonar na minha mesa de trabalho por sempre este silêncio / escuro e cinzento como a angustia de um alcoólico".

Ao fechamos Detrás da palavra é quando nos apercebemos de que todos os pontos do itinerário desta nossa viagem pelas páginas desta obra foram planificados pela mestria desse guia que já os percorrerá e visitará. A clareza da sua palavra orientou-nos na descoberta desse seu mundo criado e fomo-lo decifrando nessas escolhas léxicas, possuidoras de um valor conotativo que ecoa ao longo de toda a obra e na organização da

materia poetizada, disposta de tal jeito, que as diferentes partes temáticas irradiam luz umhas sobre as outras para se fundirem num grande facho no instante da despedida.

(1) Para um leitor conhecedor da poética corraliana, esta simbologia não será desconhecida. Assim, algum dos elementos léxicos de que vamos falar é usado com um valor conotativo semelhante em *Del amor y la memoria* Palavra e memória e *Acarom da Brêtema*. Agora bem, nesta obra, combinam-se estas e outras vozes numa aliança que nos oferece uma nova visão poética do eu vivido, sentido e expressado.

(2) Queremos lembrar, a propósito desta ideia, aquele pequeno poema de Palavra é memória: "Quero ir-me, / mais alto, / do começo das palavras."

(3) Neste caso, aliás, supom dar voz a aqueles que foram silenciados, na luta pela liberdade ("vozes afogadas") e aos quais o poeta tentará, principalmente na segunda parte, restituir-lhes a memória, declarando-se testemunha e cúmplice dos seus ideais: "Não matáram o vosso anseio de justiça / que se fijo em nós / lume eterno / para sermos / o vento que diz verdade".

(4) O negroito é nosso, e com ele queremos destacar os termos que, como já comentamos, funcionam como reiterações com uma grande pertinência significativa.

